

POPULISMO MIDIÁTICO E ENCARCERAMENTO COMO ELEMENTOS IDEOLÓGICOS DA NECROPOLÍTICA BRASILEIRA

Guilherme Orestes Canarim¹

Silvana Mazzuquello Teixeira²

Resumo: Este ensaio reflete sobre o populismo midiático e as práticas de encarceramento como elementos da necropolítica no Brasil. Pensamos a partir da seguinte questão: qual a compreensão que se tem sobre a construção social do punitivismo ou estereótipos e estigmas sobre as pessoas apenas em tempos de combate a pandemia? Tomamos como ponto de análise um brevíssimo vídeo disponível no *Youtube* no canal TV A Crítica com o título Sikêra Jr comenta: presidiário vai ser vacinado primeiro? Em que observamos um “discurso” que se constitui socialmente na estigmatização das pessoas encarceradas. Assim, pretende-se no presente texto discorrer sobre a construção ideológica que permeia o encarceramento e que corrobora com a necropolítica brasileira.

Palavras-chave: Populismo Midiático; Encarceramento; Necropolítica; Ideologia.

MEDIA POPULISM AND INCARCERATION AS IDEOLOGICAL ELEMENTS OF BRAZILIAN NECROPOLITICS

Abstract: This essay reflects on media populism and incarceration practices as elements of necropolitics in Brazil. We think from the following question: what is the understanding one has about the social construction of punitivism or stereotypes and stigmas about prisoners in times of fighting the pandemic? We took as point of analysis a short video available on Youtube on the channel TV A Crítica with the title Sikêra Jr comments: prisoner will be vaccinated first? In which we observe a "speech" that is socially constituted in the stigmatization of incarcerated people. Thus, the present text intends to discuss the ideological construction that permeates the incarceration and corroborates the Brazilian necropolitics.

Keywords: Media Populism; Incarceration; Necropolitics; Ideology.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos refletir sobre os efeitos sociais referentes às relações entre a condição de vida, o populismo midiático e as práticas de encarceramento que

¹ Mestrando em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: guilhermeorestescanarimcanari@gmail.com.

² Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: silvanamazzuquello6@gmail.com.

se configuram como elementos ideológicos da necropolítica no Brasil. Com o auxílio e o suporte de alguns autores como Slavoj Žižek (1996), Theodor Adorno (1971; 1992), Achille Mbembe (2021) Juliana Borges (2020) e Angela Davis (2020), elaboramos uma análise, em formato ensaístico, de alguns aspectos acerca do populismo midiático e encarceramento como elementos ideológicos da necropolítica brasileira.

Para compor o arcabouço do ensaio utilizamos a abordagem da pesquisa bibliográfica integrativa, com análise de vídeo e discurso. Desta forma, articulamos textos e conceitos em torno do tema da nossa investigação, isto é, a ideia diz respeito em tensionar os discursos e as práticas, que se sedimentam como horizonte fechado de única possibilidade no tratamento das formas jurídicas e sociais.

Desse modo, queremos pensar esses aspectos a partir da seguinte questão norteadora: qual a compreensão que se tem sobre a construção social do punitivismo ou estereótipos e estigmas sobre as pessoas encarceradas em tempos de combate à pandemia? Tomamos como ponto de análise um vídeo que está em domínio público na plataforma *YouTube* no canal TV A Crítica com o título: *Sikêra Jr. comenta: presidiário vai ser vacinado primeiro?* Nesse breve vídeo, podemos observar um “discurso” que se constitui socialmente na estigmatização das pessoas encarceradas, que supostamente tomariam vacina contra a Covid-19 antes dos “cidadãos de bem”.

Na primeira parte, de forma abrangente, apresentaremos o conceito de ideologia, direcionando a discussão para os meios midiáticos e indústria cultural, efetuando observações a respeito dos discursos empregados nesses setores. Na segunda parte trataremos duas violências concretas da realidade brasileira: a necropolítica e o encarceramento em massa. Ações essas concomitantes a prática de racismo e morte, normalizada, de corpos negros. Já no terceiro bloco, segue a análise apurada em relação ao vídeo citado, com três ramais de investigação: questões sanitárias, questões de direitos e dignidade, e questões vinculadas ao capitalismo e complexo industrial-prisional.

O estudo tem grande relevância social e científica, visto que abrange uma temática com poucos estudos ainda no Brasil, apesar do grande número de

encarcerados. Pretende-se, então, no presente texto discorrer sobre a construção ideológica em torno do encarceramento e as pessoas encarceradas, numa perspectiva do que chamamos aqui de populismo penal midiático, que corrobora com o encarceramento em massa e, conseqüentemente, com a necropolítica brasileira.

2 CONSTELAÇÕES EM DEVIR: IDEOLOGIA E INDÚSTRIA CULTURAL

Em seus trabalhos e escritos, o sociólogo Žižek aponta muitas discussões sobre o termo “ideologia”. Relata em *Um mapa da ideologia* (1996), que a ideologia pode ser praticamente qualquer coisa, e que o próprio gesto de sair do emaranhado ideológico nos faz voltar para ela. Desse modo, segundo ele,

(...) “Ideologia” pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse. “Quando um processo é denunciado como ideológico por excelência” (ŽIŽEK, 1996, p.9).

No centro das ideologias, estão as crenças que são voltadas à ação, que compõem suas bases sociais, as quais foram formadas. Por intermédio dessas bases, a subjetividade se constitui. Para entendê-la, precisamos buscar sua intencionalidade. É por meio dos interesses que se encontra o propósito dos discursos ideológicos, e assim, os objetivos da dominação. Em outras palavras, de maneira mais robusta e técnica, segundo Žižek (1996), a ideologia se trata da relação que se estabelece com o mundo social, sendo um complexo de materialidades externas, manifestada por uma “necessidade interna”, no mundo real. Sendo ela, uma relação entre o sujeito e a estrutura social, a ideologia, então, seria “um conjunto de ideias que legitimam a estrutura dominante”.

Portanto, para interpretar e desnudar as ideologias implícitas em um discurso, é necessário buscar lacunas e analisar, concretamente, as intenções escamoteadas no texto, ou até mesmo na política a qual o texto se encaixa. Nas análises então,

precisamos desnudar e desconstruir a estrutura do discurso, ou o que se queira expor, para que as ideologias imbricadas sejam evidenciadas de maneira efetiva.

Nesse sentido, a ideologia é, primeiramente, os elementos estruturais que dão as condições, as configurações para as próprias dinâmicas e relações simbólicas com as quais nos constituímos enquanto sujeitos. É um pano de fundo sobre o qual se constituem as possibilidades do imaginário ético, político, social, cultural e histórico. Sempre partindo do desenvolvimento dos elementos dos processos da própria sociedade e dos seus desdobramentos.

Além disso, ela (a ideologia) é também o modo pelo qual as estruturas e os processos das dinâmicas dos circuitos sociais se estruturam. O modo pelo qual se desenvolvem como formas de elaboração das energias subjetivas, individuais e intersubjetivas ou coletivas. Ela reconhece, no seu próprio dinamismo, que existem, portanto, formas diversas de consubstanciação e transubstanciação dos elementos que constituem a subjetividade. Dessa maneira, destaca que, são esses elementos que, formando o campo simbólico por meio da fantasia, conduzem então o motor das contradições e a gênese dos desdobramentos e dos desenvolvimentos da própria sociedade, que só assim pode então avançar. Ela se constitui como a própria atmosfera das ideias possíveis.

Aquilo que é a figuração de mundo em determinadas épocas, conforme os elementos da intersubjetividade, que pode, por um lado, então se manifestar e se abrir a sua possibilidade de realização, dadas as condições da contingência. Por outro lado, nós como sujeitos, dependemos dessas formações sociais, nas quais estamos imersos, e por meio das quais estamos agindo.

Ou seja, estamos socialmente mediados pelas formas sociais e pelos aparelhos sociais. Isso significa, entre outras coisas, que não só as possibilidades subjetivas e intersubjetivos, como possibilidades do vir-a-ser e do ser e estar no mundo, são elementos da constituição subjetiva tramados pela ideologia. Mas também que, enquanto possibilidade no sentido geral, dependem não só dos elementos materiais da contingência, não só dos processos concretos da materialidade, mas sobretudo, de certos elementos e processos que são simbólicos e intersubjetivos.

A possibilidade de ser do sujeito, de existir na sociedade, sinaliza, entre outras coisas, a abertura de alguma interpretação nova. Indica como constituir os elementos num certo arranjo, singular e novo, muito embora esse arranjo esteja mediado por esses processos que dão condição para ele se realizar. Nessa dialética, embora ele tenha a sua singularidade, ele não é propriamente algo completamente novo, original, nem isolado da realidade em que ele se constitui. Assim, conforme ele tenha uma latência, um potencial, uma energia, e se constituam como algo de novo, o seu desdobramento faz aparecer que depende, na sua realização, de certos arranjos da conjuntura das condições colocadas na sua época.

Nesse sentido, em síntese, podemos dizer que o ser social é socialmente mediado, entre outras coisas, pela ideologia. A possibilidade de ser na sociedade, ou seja, o sujeito como uma possibilidade de intersubjetividade no campo social, depende não somente da sua própria impetuosidade, da sua própria força, mas também das condições ideológicas, simbólicas e intersubjetivas, bem como dos campos de força estéticos-éticos-político, que estão colocados na sua época.

Nesse íterim, temos pouca mobilidade, em que a nossa subjetividade já tem certas características e estruturas ou dinâmicas próprias. Estamos rodeados por ideologias, em que não passamos de uma reação a esse núcleo negativo que é central e que tenciona toda a realidade e a própria subjetivação e subjetividade. Nossa função social, então, mais do que sair delas, é voltarmos a elas, procurando entender criticamente suas aberturas, cavidades, e rachaduras, num processo contínuo de clarificação das intenções que as compõem.

Para compreendermos melhor essa constelação e suas interrelações, é importante tratarmos da noção de indústria cultural. Uma categoria, pensada para articular os processos sociais, tanto materiais, da concretude da produção industrializada emergente, quanto os aspectos simbólicos, ideológicos e estético-políticos constitutivos da sociedade, no capitalismo tardio. Nesse sentido, Conforme Adorno,

Em nossos esboços, tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por "indústria cultural", a fim de excluir a interpretação que pretende dizer que se trata de algo como

uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, uma forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente. Ao juntar elementos de há muito correntes ela atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo (ADORNO, 1971, p.92).

Dessa forma, como indica Adorno (1971), a diferença principal da ideia da indústria cultural em relação às outras categorizações que existiam na época, é que ela se distingue criticamente dessas análises. Percebendo que existe um ciclo de engajamento, que entrelaça o desejo, o que ele chamou “recalcamento médico”, e os processos de produção industrial da nossa sociedade. A indústria cultural queria se diferenciar, tanto de uma interpretação da cultura popular como algo simplesmente espontâneo, quanto de uma percepção da cultura de massas como consequência de uma elite intelectual dominante, que simplesmente manipularia os discursos de cima para baixo.

Dessa maneira, com a indústria cultural, Adorno (1971) buscava compreender os processos e dinâmicas sociais nos quais a subjetividade é encapsulada, absorvida e utilizada como matéria para produção de relações de subserviência e subalternidade. Além disso, procurava entender a subjetivação das relações de poder, bem como os processos de constituição subjetiva.

A indústria cultural, quer sobretudo reconhecer que existe uma relação entre a produção da alienação, a produção dos próprios objetos de consumo e a subjetividade. A constelação de relações fortalece e reforça a forma da exploração, entrando num nível mais profundo, não apenas do consumo de mercadorias, mas considerando também o campo da subjetividade, da formação subjetiva, e os modos como isso é utilizado para vender estilos de vida, experiências e outras mercadorias.

Essa noção procura, então, esclarecer as relações entre os sujeitos e os processos de produção dos objetos e do desejo por esses objetos ou mercadorias, bem como a manipulação dos processos e constituição subjetiva. Dessa forma, as indústrias, em geral, pensam no desejo dos consumidores e nos lucros que ganharão em cima de seus produtos, independentemente se artigos são bons e substanciais, ou não, para quem consome.

Nesse sentido, fazendo um comparativo, a indústria cultural é uma espécie de *junkfood*. Ela está numa posição em que não chega a ser propriamente alimento, pois serve mais ao empanzinamento compulsório, nem deixa propriamente de ser comida. De certa maneira ela é um não-alimento, uma demi-cultura³. Nesse cenário, em contrapartida, a arte e a experiência estética representam a experiência da alimentação, uma comida com nutrientes, uma “comida de verdade”. Seguindo nessa lógica, embora os materiais, processos químicos e os nutrientes sejam comuns dos seus similares nos dois campos, do *junkfood* e da experiência da alimentação nutritiva, elas são apresentadas ou são mostradas em processos e em formas diferentes. De modo que os efeitos no corpo, são completamente diferentes.

Dessa maneira, a questão não são os nutrientes possíveis no âmbito dos alimentos processados, ou ultraprocessados, nem seu lugar ou relevância no contexto da sociedade contemporânea. Ao contrário, o problema é que a própria lógica por trás da justificativa da sua produção, bem como o modo como são absorvidos na vida cotidiana, fazem com que se tornem progressivas e imperceptivelmente deletérios. Por um lado, a industrialização do alimento por meio de mudanças no cultivo, protocolos de defensivos agrícolas, bem como questões nutricionais, segue sua regra de ordenamento mecanizada.

Além disso, a alimentação industrializada, mediada pelos modos como comemos, isto é, horários ligados às jornadas de trabalho exaustivas, alienantes e completamente desproporcionais, processam a aceleração constante dos ritmos e estilos de vida. Tudo isso aliado a praticidade, o baixo custo de alimentos menos nutritivos, baixa educação nutricional e alimentar da maioria da população fecham o cerco dessa lógica. Isso sem falar nos índices de diminuição da segurança e da soberania alimentar pelo mundo todo.

De modo análogo, não se trata de rebaixar a cultura de massas a um amálgama informe e sem conteúdo, isso seria ingenuidade. Trata-se de reconhecer o papel

³ O prefixo *demi* é uma forma do meio, da metade, do parcial. Porém ele é usado aqui como um parcial condicional. Nesse sentido, a indústria cultural tem o potencial estético, mas depende de certas condições.

desse espectro da cultura nos processos aos quais têm servido, e de cujas finalidades insalubres tem reiteradamente conseguido sua hegemonia. Grosso modo, isso significa dizer que tanto um hambúrguer, como a *Pulp fiction*, não são em si mesmos qualquer risco a formação subjetiva, porém, no contexto da sociedade capitalista, e em especial na contemporaneidade do estado de pandemia, tornam-se igualmente prejudiciais. Especialmente porque, em muitos casos, acabam sendo os únicos “alimentos”, físicos e intelectuais que possam ser “servidos” a grande massa faminta e sedenta de algo literal ou metaforicamente falando.

Assim, a indústria cultural e a indústria alimentar, como de resto qualquer indústria no capitalismo, são similares. Nas duas, não se trata apenas de industrialização das mercadorias como os alimentos e os objetos ou produtos da cultura, mas de dois processos paralelos que dialeticamente se retroalimentam e se completam.

Dessa maneira, a indústria cultural participa do contexto da produção social da ideologia, colocando as condições de uma subjetividade mal nutrida e doente. O que significa que ela não só se apropria da lógica de funcionamento da própria subjetividade, mas, simultaneamente, reforça um círculo ideológico vicioso que corrói progressivamente a capacidade do sujeito de perceber o que lhe ocorre. Corrompendo a capacidade de diagnosticar sua própria condição, ou seja, de sujeito assujeitado por esse estado de coisas.

3 DISCURSOS SIMBÓLICOS DO PODER: NECROPOLÍTICA E ENCARCERAMENTO

Seguindo do ponto mais abstrato, que seria ideologia, e passando pela indústria cultural, que trata das condições da produção social dos discursos simbólicos e das formas de mediação social da própria subjetividade, vamos agora em direção aos elementos de consecução material dessas ideologias na forma de discursos simbólicos do poder se configurando nas formas de violências mais concretas. O primeiro deles que vamos tratar será a necropolítica, em seguida, o encarceramento em massa.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que a noção de necropolítica surge no contexto contemporâneo, como um modo de destacar o recrudescimento e transformações em certos processos sociais. Dinâmicas e sistemas sócio-históricos ligados à estrutura de exploração capitalista, mas sobretudo, nas consequências estruturais dos processos colonizadores, que adiantaram em vários séculos os níveis de exploração, expropriação, violência, desumanidade e mercadorização da subjetividade. Nesse sentido conforme Achille Mbembe,

“[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2021, Necropolítica, Locais do Kindle, 22-24) Edição do Kindle.

A necropolítica, então, é a morte tomada em seu recém-adquirido caráter de ação política. A marginalização, exploração e morte, no âmbito do controle dos corpos não é nenhuma novidade no mundo administrado. Porém, embora nesse contexto ela tenha um significado ético de injustiça, degradação do humano e da dignidade, ela não é ainda uma ação política. Em vez disso, ela é uma consequência material da indeterminidade material, sob a forma da invisibilidade, da pobretologia, da instrumentalização e gestão da miséria. Apenas sob as condições, mais



contemporâneas, como aponta Mbembe (2021), é que ela é alçada à posição de ação política.

A necropolítica política seria um estágio mais contemporâneo e mais avançado de degradação e transformação do campo político sobre os “corpos” em seu caráter de interesse biopolítico. Ou dito de outro modo, um estágio no qual, em certos contextos, a resistência não pode mais se dar por meio da luta pela manutenção da vida, saúde, etc. Ela sinaliza que não podemos mais supor, como na vida democrática “normal”, que ainda haveria algum nível de resistência ética.

Num certo sentido, para certos setores da sociedade, ainda é possível pensar resistir e até agir dentro de um certo limite, em certas bordas porosas e com fronteiras ético-políticas estáveis. Porém, no contexto contemporâneo, a crise total, colapso do estado de exceção (transformado em regra), encarceramento em massa, violência, superexploração, financeirização do capital, favelização do mundo, proletarização e fragilização dos laços de trabalho no mundo todo, precarização da vida não só nos países periféricos, mas também nas províncias e no “norte global”, sinalizam a emergência de algo novo.

Aparece, nesse novo contexto, o desmonte, desenlace e a dissolução de um certo estado de coisas, no qual à vida ainda tinha seu caráter ou valor. Assim, deixa de ser possibilidade de resistência ética e, nessa altura, entra então o lugar da necropolítica. O fundamento conceitual da necropolítica, não é tanto a questão de um sistema novo ou de alguma novidade com relação às dinâmicas de gestão da vida e da morte. Em lugar disso, a questão é que, dadas as condições contemporâneas: capitalismo tardio, sociedade de massas, e mercadorização da vida e da morte das populações periféricas majoritariamente negras, o matar e o morrer torna-se então uma espécie de ação política.

Por meio dos complexos industriais-prisionais e sistemas de desarticulação nacional, reterritorialização de guerras internas e externas constantes, bem como, a militarização global sob a justificativa da segurança pública. A morte se instrumentalizou como parte de um horizonte em que matar e o morrer torna-se legitimamente uma, e talvez a única, ação política.

Esse processo torna-se um tipo de agir ético-político. Por isso então, a necropolítica é uma política da morte. Mas não no sentido da morte estatal ou simplesmente da função do Estado como o único responsável pela morte das pessoas por meio do seu aparato industrializado e moderno de instrumentalização, dessensibilização, alienação e lucro sobre a precariedade da vida e da morte. Ao contrário, a necropolítica é uma nova posição, a possibilidade de uma perspectiva nova sobre o matar e o morrer no seu caráter ético-político.

Quer dizer, ao matar ou morrer como ações políticas, no contexto dessas transformações e dessa contingência, simultaneamente transformam-se os valores e os significados das vidas envolvidas. Ela vai além de indicar o contexto de uma guerra híbrida, indiretamente gestada em setores da sociedade que utilizam a circuitaria do estado para aparelhar-se. A necropolítica sinaliza um movimento para além disso, reconhecendo a importância cada vez mais capilarizada e entranhada na sociedade contemporânea das fragmentações e modulações das ocupações dos territórios e as formas ambíguas de fluidificação do monopólio de violência.

Assim, entendemos a necropolítica não apenas como uma política estatal de morte, mas como uma percepção da morte e do morrer enquanto ação política nos contextos contemporâneos. Por meio dela, Mbembe (2021) trata das formas contemporâneas de submissão da vida e de subjetivação dessa submissão, partindo de uma crítica da subjetivação das relações de poder e suas concatenações materiais.

No cotidiano, no contexto da política da convivência, o que passa a valer são as possibilidades de matar e morrer. A morte passa a ser uma ferramenta propriamente política, porque ela passa a significar não apenas o fim dos corpos e a morte física, mas especialmente a morte ética, a morte simbólica, a morte de um território e de um ideal. Ela assinala uma passagem, uma mudança de dentro para fora. Indicando que as disputas menores, da vida cotidiana do convívio, são tão importantes quanto o que um dia foi a dinâmica da guerra dos Estados.

As relações da sociedade capitalista são perpetuadas por uma combinação de violência e comprazimento, em que a quantidade de cada uma das ações depende do nível em que se estabelecem as crises e também os conflitos operantes. A

necropolítica então, se estabelece como uma solução e agente de poder, em um mundo no qual a morte ganha espaço sobre a vida. A justificação da morte em nome da economia e da “segurança” da população torna-se algo normativo, uma causa moralmente correta. O matar e o morrer tornam-se ações, em certo sentido conscientes, num campo de agires, que tem como fundo o sistema capitalista. Nesse sentido, a necropolítica é a consciência consequente do devir negro do mundo.

Segundo Borges (2020, p.66), o discurso político não se estabelece no abstrato, mas em relação aos corpos. Logo, o corpo também se enquadra em um espaço de ideologia. Dessa forma, à representação física do corpo negro são atribuídos valores morais que implicam os tipos de estereótipos e estigmatizações com os quais corpos e sujeitos tem de lidar.

Como bem se sabe, o corpo negro foi a primeira mercadoria do colonialismo, desse modo, os discursos sobre os corpos da negritude fundamentaram a ascensão do racismo em toda a América, determinando assim, uma hierarquia tanto social, quanto política entre as raças. “Sendo assim, as dinâmicas das relações sociais são totalmente atravessadas por essa hierarquização racial. Não se consegue, portanto, discutir os efeitos do racismo e sua articulação com o sistema de justiça criminal sem retomarmos, mesmo que brevemente, historicamente este processo” (BORGES, 2020, p.53)

O preconceito entre as pessoas gera consequências gravíssimas na sociedade, e a população negra é um dos principais alvos das desigualdades, gerando menos oportunidades e perspectivas de futuro. Com o crescente número de comunidades com sujeitos negros na linha de pobreza, essas pessoas tornam-se candidatos perfeitos ao cárcere. Dessa forma, é simples compreender que o sistema criminal é alicerçado e construído junto ao racismo, de maneira a manter e alimentar as opressões sofridas pela hierarquia racial.

A hierarquia racial ainda é predominante no país e em seu sistema carcerário, sustentando as opressões contra os corpos negros. Portanto, por conta da história e racismo estrutural, as discussões sobre justiça social e encarceramento precisam ser interseccionadas às questões raciais, pois o preconceito racial percorre todas as

instituições, meios midiáticos e relações da sociedade brasileira. A população foi educada para ter medo das pessoas não-brancas. Não é à toa os noticiários mostrarem, de forma exagerada, a criminalidade sendo representada apenas por pessoas negras. Os indivíduos, telespectadores diários, foram educados, de maneira deliberada, excessiva e maçante, a crerem que todos os negros são criminosos e inimigos da sociedade. Sendo, também, esse tipo de conduta um forte aliado para a ocorrência do encarceramento em massa.

As novelas são exemplos dessa manipulação de massa, mostrando e convencendo, geralmente, que mulheres negras tem vocação pela área de limpeza e, homens negros, um chamado para o crime. No ambiente escolar, também reforçam este estereótipo, apresentando pessoas brancas como heróis e salvadores, tendo os negros pouca representatividade neste ensino colonial. A princesa que “aboliu” a escravidão realmente salvou os negros? Em pleno século XXI percebe-se que não. Um homem negro de moletom com as mãos nos bolsos, andando pelas ruas, não será visto com bons olhos pelos indivíduos que estão presentes no cenário, muito menos poderá passar por policiais sem ser encarado, questionado ou enquadrado. Todo momento é propício para negros serem interrogados enquanto realizam tarefas normais do dia a dia, na realidade brasileira e mundial.

Angela Davis, em sua crítica cultural sobre mídias e prisões, explana que a sensação de familiaridade com as celas prisionais deriva das representações expostas pelos filmes e outros meios visuais de mídia. “A prisão está, portanto, conjugada a nossa experiência de visualidade, criando a noção de sua permanência como instituição. Há também um fluxo constante em Hollywood de filmes de prisão, que, na verdade, é um gênero” (DAVIS,2020, p.19). Dessa forma, o racismo e o encarceramento geram bons lucros ao Estado, meios midiáticos e também jornalísticos. Quanto mais gente presa, mais notícias, mais audiência e mais medo semeado em meio à população. Reproduzindo ciclos de opressão, controle de corpos, encarceramento em massa e alienação.

3.1 POPULISMO MIDIÁTICO E ENCARCERAMENTO: ELEMENTOS DA NECROPOLÍTICA BRASILEIRA

Os jornais e os grandes filmes, a mídia em geral, sem pretensão de esconder o racismo enraizado e a dominação dos corpos negros, ainda amedrontam a população. Perpetuando a noção de que a criminalidade está fora de controle, estigmatizando o preso como uma pessoa terrível, sem escrúpulos ou salvação, por meio da ideologia, dominação e discurso sobre o corpo negro. A consequência dessas ações, causam o medo na população perante as pessoas negras. Nos noticiários, por exemplo, são representadas pessoas negras, excessivamente, como criminosos. Muitas vezes, sem a comprovação desses crimes, ou o envolvimento no ato transgressor. Essa divulgação seletiva influencia os telespectadores e educa essas pessoas a crerem que homens negros, e demais pessoas da mesma raça sejam infratores que desobedecem à lei.

O inimigo da sociedade, então, é aquele ao qual deve ser eliminado. E esse, não será criado somente pelos meios de segurança estatais, mas pelos meios midiáticos e populistas, os quais, segundo Almeida (2019, p. 75), “servirão como meio de constituir a subjetividade adaptada ao ambiente necropolítico em que se impera o medo”. Tudo que nos foi, e, é apresentado, é uma representação desse imaginário social produzido por aquilo que vemos nas mídias. A ideologia por trás desses discursos, é uma prática real e intencional, a fim de fragmentar a sociedade e introduzir hierarquias pela distinção de raça e classe, com o objetivo de permitir que se estabeleça uma normatividade em relação à morte do outro, uma relação com a necropolítica.

Assim, tendo tratado de alguns elementos teóricos e conceituais, podemos agora, passar para a nossa análise. Escolhemos o vídeo “SIKÊRA JR COMENTA: Presidiário vai ser vacinado primeiro?”⁴ como documento de base para nossa análise. No contexto desse vídeo, entendemos que aparecem vários elementos discursivos,

⁴ Trata-se de uma análise de um vídeo de domínio público disponível no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=KRZzBErMP3U>

que deixam transparecer aspectos de um campo ideológico estético-político. Recortamos alguns trechos, da transcrição do vídeo, que servirão de base para as análises subsequentes.

4 SAÚDE PÚBLICA

“[...] estão querendo primeiro vacinar os presos, pros bichinhos não morrer. Primeiro o preso, você que tá preso em casa arrombado, sem seu emprego, você fica para depois [...]”

Ao visualizar o vídeo, em primeira instância, já se verifica que o autor das falas não entende, efetivamente, sobre direitos assegurados pela constituição federal e saúde pública. O apresentador desconsidera, tanto os médicos e os gestores por um lado, nessa questão da pandemia, quanto as pessoas dos “serviços essenciais”, às pessoas que precisam trabalhar, precisam se expor e precisam correr esse risco cotidianamente para poder substituir. As pessoas que por necessidade, por obrigação, por alienação ou por outros motivos, têm que se colocar nessa posição de risco de morte.

Esse tipo de negligência, só é possível desconsiderando-se que uma infecção dos presídios é primeiramente uma questão de saúde pública, pois, envolve índices progressivos de infecção, dificuldades de locomoção inerentes ao ambiente controlados dos presídios, bem como outras responsabilidades que o estado tem para com essas pessoas encarceradas e suas famílias. Em um contexto pandêmico, caso haja contaminação viral em indivíduos que estejam em situação de restrição de liberdade, em instituições totais, ocorrerá, possivelmente, uma contaminação em massa, gerando, conseqüentemente, um colapso na saúde pública. Como cidadãos brasileiros, os encarcerados também têm acesso à saúde pública e mecanismos do SUS (sistema único de saúde). Além de constar essas informações e direitos na constituição do país, na LEP (Lei de execuções penais), é ainda, reservado o direito à saúde a todas as pessoas na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A questão é que tudo isso acaba criando uma atmosfera simbólica. Carregada de elementos ideológicos que só favorecem um sistema de retroalimentação dessa exploração das populações fragilizadas, empobrecidas e violentadas. Ou seja, um elemento ideológico que acaba convencendo a massa. Por meio dessa mídia ele é parte de um processo muito amplo e complexo, que envolve várias camadas da sociedade. Vários processos da sociedade numa grande maquinaria, que trabalha em torno da mercadorização de todos os aspectos da humanidade, das relações, e emoções, bem como, potenciais psicológicos, científicos, artísticos, éticos e simbólicos. Essa mercadorização visa somente a ética do lucro, que não só prejudica majoritariamente as populações em contextos fragilizados, mas faz isso para se justificar e para se manter no centro da gestão dessa exploração.

4.1 DIREITOS E DIGNIDADE

“[...] é palhaçada rapaz querer vacinar primeiros presos em vez do cidadão de bem que tá em casa preso [...]”

Como o próprio Adorno (1992) já falou "a indústria cultural opera por meio recalcamento mimético", ou seja, ela funciona utilizando algo que é interna a formação subjetiva, aos processos de subjetivação, contra esses próprios processos ou de maneira que danifica esses processos. Tudo isso indica o papel da indústria cultural na produção da barbárie. Como se sabe, o papel do Estado no capitalismo é a manutenção da ordem e a internalização de contradições, seja pela coação física, seja por meio de reprodução de discursos ideológicos justificadores de dominação. Quando os discursos ideológicos que naturalizam a barbárie e desigualdades não forem mais suficientes, a opressão e violência serão apresentadas para controlar conflitos.

No vídeo, mais uma vez é reforçado o status do criminoso como inimigo da sociedade, constituído a partir do século XVIII. Os indivíduos encarcerados, então, são conceituados como corrompidos, irreduzíveis, doentes e humanos sem salvação, os quais fazem mal à sociedade e em nada contribuem para sua melhora. São mais

um número, um conceito: encarcerados, em que a cidadania e dignidade não cabe a este ser.

Essa função de rejeitar os sujeitos criminosos é um instrumento de poder que a classe dominante transfere à sociedade. A classe majoritária burguesa então, considera essas ações, de desprezo e exclusão dos aprisionados, fundamentais, pois assim, os ciclos de desigualdade e lucros com o cárcere continuam a operar a todo vapor. Esse tipo específico de tensão entre os indivíduos da sociedade nada mais é que uma estratégia persistente de monopólio e seguridade dos mais ricos contra os mais pobres, dominando seus corpos e suas mentes.

Essa camada ideológica padroniza os comportamentos, ações, os elementos simbólicos éticos culturais, e paralelamente, limita as possibilidades de se pensar outras possibilidades e maneiras de ser e estar no mundo. Ou seja, por um lado ela trabalha para os vazamentos de um imaginário político ao mesmo tempo, em que absorve essas energias para o seu próprio funcionamento e exploração da sociedade como um todo, o que beneficia a burguesia aristocrática, no caso do Brasil, uma elite colonial.

No caso do Brasil, por exemplo, existe o encarceramento em massa da população negra, mas nessa dialética também existe uma morte maior dos policiais negros. Então é o mesmo corpo que morre dos dois lados, por isso essa dialética é dissolvida numa ambiguidade em torno dos jogos de poder e de morte.

4.1.1 Complexo industrial-prisional

“[...] ninguém convida ninguém para o presídio, então eles vão porque querem, porque aprontam [...]”

O Estado capitalista juntamente às grandes indústrias constrói um ciclo destrutivo nas comunidades mais pobres, de modo a lucrar com as desigualdades, trabalhadores baratos e criminalidade. De acordo com Davis, “a punição, por meio do encarceramento, está vinculada a projetos políticos, ao desejo de lucro das corporações e às representações midiáticas do crime. O encarceramento está

associado à racialização daqueles que têm mais probabilidade de ser punidos” (DAVIS, 2020, p.121).

Sendo assim, as corporações buscam por mão de obra barata mundo afora, dessa forma, muitas pessoas perdem emprego e, conseqüentemente, perspectivas de futuro. As bases econômicas desses lugares são destruídas, deterioradas, afetando serviços sociais e direitos básicos. Logo, com esse processo de degradação, a população inserida nesse contexto começa a fazer parte dos possíveis candidatos ao encarceramento.

Como visam o lucro, as corporações industriais seguem até os complexos punitivos, gerando complexos industrial-prisional e o interesse no aumento populacional carcerário cresce, visto que o encarceramento em massa gera lucros, já que reproduz as condições que levam as pessoas até a prisão. Novamente, as grandes indústrias efetuam o ciclo do sistema capitalista que ganha espaço fora das grades, com a promessa mentirosa de ajudar financeiramente a população, mas perpetuamente reforçando desigualdades.

Por que aparece nesse contexto de disputa a figura que o Achille Mbembe chama de o homem bomba. Essa figura poderia ser traduzida transliterada o prisma da em várias outras figuras que encontramos na periferia do mundo. Em especial aquelas figuras ligadas à admissão polimorfa e dinâmica do controle local e regional.

Nessa altura é que entra a questão, é a partir desse contexto da dinâmica do controle polimórfico e translacional desses territórios que se dá a constituição de um sistema também transnacional de comunicação e exploração violência, comércio de recursos, de trabalho e de pessoas no mundo todo. Existe uma coisa nova que a necropolítica representa: a ligação entre o consumo, a mercadorização da vida do ser humano e do trabalho por um lado, e a morte como ferramenta política limítrofe nos contextos de onde emerge essa exploração. Quer dizer, de onde o sistema retira sua exploração, naquele ponto crítico então ocorre aquilo que a necessidade última do contexto mais avançado de degradação da vida humana no capitalismo tardio, a morte se transmuta em possibilidade ético-política.

Nesse contexto, do matar e do morrer, do risco da morte como um elemento político e tendo um sentido político de disputa de subsistência, aparece o cálculo econômico-político efetuado sobre as vidas. Uma violência própria do capitalismo, que só vai se emaranhar mais ainda nossa vida, se entranhar e recrudescer cada vez mais, pois ela está baseada numa lógica do lucro. Essa é uma lógica de desmembramento, de estados de alinhamento e de dissolução de tudo sob a forma da mercadoria. Dissolução, destruição e remontagem, que constitui elemento fundamental da natureza da mercadoria. Ressignificação constante, dissolução, desvalorização e revalorização. Essa dinâmica, que está por trás do cálculo, nos faz exagerar os contextos econômicos-políticos da vida cotidiana. Nesse sentido, é isso que coloca esse enclave da possibilidade da morte como uma ferramenta política.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste texto tentamos mostrar que os discursos ideológicos e a indústria cultural têm papel fundamental na ocorrência e reprodução dessas ações desiguais e excludentes, contribuindo para os ciclos discrepantes e racistas do capitalismo. O que nos é oferecido tem intenções bem claras: a fragmentação da sociedade para a dominação e monopólio da burguesia, em que a morte se torna uma ação política.

Delineamos alguns aspectos das interrelações desses processos que compõem uma dinâmica no contexto da sociedade contemporânea. No caso da indústria cultural, pudemos salientar que não se trata de indicar ou dizer diretamente que isso ou aquilo são “produtos da indústria cultural”, reduzindo a interpretação. Com a necropolítica, Mbembe (2021) mostra como o poder da soberania agora é encenado por meio da criação de zonas de morte. Onde o matar e o morrer, para além de serem parte de um processo de mercadorização da condição humana, se tornam o último exercício de dominação e a principal forma de resistência.

O central é buscar entender o mecanismo que faz com que seja possível essa apropriação e manipulação do desejo e da formação subjetiva, produzindo o

preconceito e as estigmatizações sobre as massas empobrecidas e periféricas, majoritariamente negras. Ou seja, compreender o modo com essas transformações se dão, no mundo e na subjetividade, seu modus operante estético-político.

Por meio da análise do discurso do apresentador Sikêra Jr. pudemos destrinchar, abrir e deixar a mostra vários aspectos da constituição dos preconceitos e do pensamento punitivista que encharca esse tipo de programação televisiva. Por meio do que foi mostrado até aqui, pode-se entender que o populismo midiático opera de forma bastante direta em relação às desigualdades. Normalizando o encarceramento em massa e as mortes de corpos negros, utilizadas pela necropolítica, especialmente no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 1971.

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução de Marina Vargas. 7. ed. - Rio de Janeiro: Difel, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2021, 80p.

ŽIŽEK, Slavoj. **“O Espectro da Ideologia”**. In Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Recebido: outubro de 2022.

Aprovado março de 2023.